

# Brandão acusa tese do PMDB de "golpe" <sup>1</sup>

«Um golpe» — define o novo líder do PDT na Câmara, Brandão Monteiro. «Uma expressão do oportunismo que domina o PMDB» — completa o ex-líder Matheus Schmidt, ao interpretar o sentido da decisão da bancada do PMDB na Câmara, que na última sexta-feira se manifestou, de forma esmagadora, pela tese da Constituinte exclusiva.

Para Brandão Monteiro, a decisão foi um «golpe porque seu objetivo era inviabilizar a candidatura do deputado Fernando Lyra à presidência da Câmara e evitar maior desgaste para o deputado Ulysses Guimarães, que pretende ter o controle absoluto da Constituinte».

Matheus Schmidt acha que a decisão peemedebista foi «oportunista» porque, «no ano passado, a cúpula do partido fez tudo para impedir a viabilização da Constituinte exclusiva e agora aderiu à tese para resolver os problemas do dr. Ulysses».

Fernando Lyra concorda que em parte a manifestação da bancada do PMDB resultou da articulação dos seus adversários, com a participação do próprio deputado Ulysses Guimarães. Ressalva, porém, que outra grande parcela votou pela Constituinte exclusiva movida «pelo idealismo».

«Essa soma de fatores é que explica uma votação tão maciça pela Constituinte exclusiva» — afirma o deputado pernambucano. Para reforçar a acusação de que Ulysses esteve envolvido com a «manobra», Lyra cita as palavras que o presidente da Câmara dirigiu ao deputado Egidio Ferreira Lima, segundo divulgaram os jornais

de ontem: «A sua conspiração deu certo».

Apesar dessa referência, Lyra explica que só até a última quinta-feira Ulysses esteve mais diretamente envolvido nas articulações. No dia seguinte, quando a proposta foi votada e já era objeto de grande reação no PFL, PDT e entre senadores de todos os partidos, Ulysses já se empenhava numa solução intermediária, que permitisse a eleição dos integrantes das Mesas da Câmara e do Senado, com o posterior recesso do Congresso.

Tanto as interpretações de Fernando Lyra quanto as críticas do PDT fazem sentido. Na realidade, a dedicação do pernambucano Egidio Ferreira Lima à aprovação da moção pela Constituinte exclusiva constitui um sintoma significativo do envolvimento de Ulysses com a iniciativa. Desde que chegou à Câmara, em 1983, Egidio tem perdido, gradualmente, a fama de «ideólogo» do PMDB pernambucano, substituída pela imagem de um político de extrema fidelidade a Ulysses, com todas as implicações que isso possa significar.

Quanto aos parlamentares que agiram sob uma pretensa inspiração ideológica, a qualificação que a eles é atribuída é discutível, como se vê nas declarações de Lyra e Schmidt. Lyra chamou de «idealistas» um grupo de deputados gaúchos e o baiano Domingos Leonelli, que há várias semanas vinham defendendo o caráter exclusivo da Constituinte.

Sem referências nominais, Schmidt considerou «oportunista» o atual posicionamento do PMDB.